R E V I S T A
ESPAÇO
n. 65
período jul-dez
ano 2026

A IMPORTÂNCIA DO *SIGNWRITING* PARA A ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE E O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE CRIANÇAS SURDAS EM SUA PRIMEIRA LÍNGUA

The importance of SignWriting for bilingual literacy and the linguistic development of deaf children in their first language



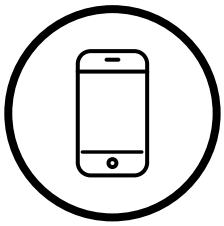
Eva dos Reis Araújo Barbosa[1]

RESUMO
Este artigo discute a importância do *SignWritin*g para o desenvolvimento da escrita em Libras de crianças surdas, a partir de uma Revisão Bibliográfica de estudos publicados entre 2015 e 2025. O trabalho fundamenta-se nos pressupostos da Educação Bilíngue de Surdos, considerando a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda língua. Os resultados evidenciam que o *SignWriting* favorece o letramento em Libras, a autonomia na produção escrita, a consciência metalinguística e o fortalecimento da identidade linguística e cultural do sujeito surdo. Além disso, a escrita visual possibilita que a criança registre sua língua natural, respeitando sua modalidade visuoespacial, o que contribui para práticas pedagógicas mais inclusivas e alinhadas às especificidades linguístico-culturais desses estudantes. Conclui-se que o *SignWriting* constitui um recurso pedagógico relevante para a alfabetização bilíngue, indicando a necessidade de sua ampliação no contexto escolar.
Palavras-chave: Alfabetização bilíngue; Criança Surda; *SignWriting*

[1] Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil; evalibras@gmail.com.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

ABSTRACT
This article discusses the importance of SignWriting for the development of writing in Brazilian Sign Language (Libras) among deaf children, based on a literature review of studies published between 2015 and 2025. The work is grounded in the principles of Bilingual Education for the Deaf, considering Libras as the first language and written Portuguese as the second language. The results show that SignWriting promotes literacy in Libras, autonomy in written production, metalinguistic awareness, and the strengthening of the linguistic and cultural identity of the deaf individual. Furthermore, visual writing allows the child to record their natural language, respecting their visuospatial modality, which contributes to more inclusive pedagogical practices aligned with the linguistic and cultural specificities of these students. It concludes that SignWriting constitutes a relevant pedagogical resource for bilingual literacy, indicating the need for its expansion in the school context.
Keywords: Bilingual literacy; Deaf child; SignWriting



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK
https://youtu.be/QAurTqLpfOI?si=nEPmQFP0IQCWUoI9

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como meio legal de expressão e comunicação das pessoas surdas, sendo esta língua reconhecida por meio da Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005. Nesse sentido, as crianças surdas têm o direito, garantido por Lei, de terem acesso à Libras como primeira língua (L1) e como língua de instrução no ambiente escolar.

Entretanto, ao escrever, espera-se que elas utilizem palavras de uma língua oral, cuja modalidade é auditiva e fonoarticulatória. Desse modo, "enquanto a criança ouvinte pode fazer uso intuitivo das propriedades fonológicas naturais de sua fala interna em auxílio à leitura e à escrita alfabética, a criança surda não" (Capovilla *et al.*, 2006, p. 1492 *apud* Barreto; Barreto, 2012, p. 32).

Capovilla e colaboradores (2006 *apud* Barreto; Barreto, 2012) enfatizam que é necessária a utilização de outro sistema de escrita, além do alfabético, visto que, da mesma forma como a criança ouvinte pode ser beneficiada pelo uso da escrita alfabética para o mapeamento dos fonemas de sua língua falada, a criança surda "poderia beneficiar-se sobremaneira de uma escrita visual capaz de mapear os quiremas [fonemas] de sua Língua de Sinais" (Capovilla *et al.*, 2006, p. 1494, *apud* Barreto; Barreto, 2012, p. 33). Essa escrita propiciaria, segundo os autores, um desenvolvimento linguístico e cognitivo mais significativo, além do fortalecimento da identidade e da cultura surda.

Diante disso, este artigo tem como principal objetivo discutir a importância do *SignWriting*[2], um exemplo de sistema de escrita das línguas de sinais, para o desenvolvimento da

[2] Neste artigo, adota-se a distinção entre os termos *escrita de sinais e SignWriting*. A expressão *escrita de sinais* refere-se, de forma ampla, ao conjunto de sistemas desenvolvidos para o registro gráfico das línguas de sinais, abrangendo diferentes propostas de representação, como o *SignWriting*, o ELiS e outros sistemas de escrita e notação. Já o *SignWriting* corresponde a um sistema específico de escrita de sinais, desenvolvido por Valerie Sutton, amplamente difundido e utilizado em diferentes países, inclusive no contexto brasileiro. Assim, embora todo *SignWriting* seja uma forma de escrita de sinais, nem toda escrita de sinais corresponde ao *SignWriting*. Essa distinção é importante para evitar o uso dos termos como sinônimos e para delimitar com precisão o objeto desta revisão, que se concentra especificamente em estudos que utilizaram o *SignWriting*.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

escrita da criança surda em L1, a partir de uma Revisão de Literatura de artigos que apresentam resultados obtidos por meio do uso desse sistema de escrita, evidenciando suas contribuições para a alfabetização bilíngue e o fortalecimento da Libras como L1.

Este trabalho se justifica pela necessidade iminente de ampliar as discussões acerca de práticas pedagógicas que valorizem e respeitem as especificidades linguístico-culturais das crianças surdas, considerando a Libras como L1 e língua de instrução, e o português escrito como segunda língua (L2), conforme preconiza a Educação Bilíngue de Surdos. Embora haja avanços na proposta educacional bilíngue, ainda são escassas as experiências sistematizadas sobre o uso do *SignWriting* ou de outro sistema de escrita de sinais no processo de alfabetização bilíngue de crianças surdas. Dessa forma, torna-se imprescindível compreender as contribuições do *SignWriting* para o desenvolvimento da escrita em L1 desses alunos, uma vez que, além de possibilitar o registro gráfico da Libras e favorecer a construção do letramento, essa ferramenta pode colaborar para o desenvolvimento da escrita em português como segunda língua, a partir da compreensão do funcionamento de um sistema de escrita em sua primeira língua, do fortalecimento da autonomia para escrever e da consolidação da identidade linguística e cultural enquanto sujeito surdo.

Para tanto, após esta breve introdução, apresenta-se o desenvolvimento deste artigo, dividido em: (1) *A escrita das línguas de sinais*; (2) *O SignWriting no ensino de surdos; (3) Períodos de desenvolvimento do SignWriting em crianças surdas; (4) Metodologia; e (5) Apresentação e discussão dos dados*. Por fim, são apresentadas as considerações finais deste trabalho, sem o intuito de esgotar o assunto, mas com o fito de contribuir para a ampliação das reflexões acerca do uso do *SignWriting* no processo de alfabetização bilíngue de crianças surdas, incentivando novas pesquisas e práticas pedagógicas que valorizem a Libras e promovam uma educação bilíngue mais efetiva.

DESENVOLVIMENTO

A escrita das línguas de sinais

Por muito tempo, as línguas de sinais foram consideradas línguas ágrafas, em razão da ausência de um sistema de escrita amplamente reconhecido e valorizado, tanto pela comunidade surda quanto pela sociedade em geral, que possibilitasse o registro gráfico dos sinais e das estruturas que as constituem. Em sua obra *Escrita de Sinais sem mistérios*, Barreto e Barreto (2012) apresentam alguns sistemas de escrita e notação[3] desenvolvidos com o objetivo de representar graficamente as línguas de sinais, conforme exposto a seguir.

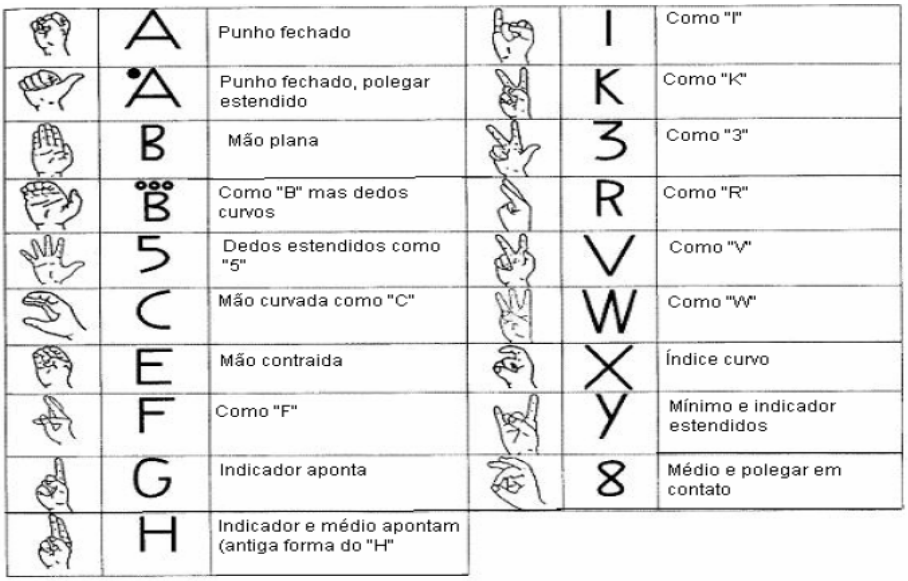
(1) *Notação Mimographie* – criada em 1822, por Roch Ambroise Auguste Bébian, um educador francês que acreditava que "o registro da língua de sinais era essencial para que se pudesse usá-la como veículo para o ensino" (Barreto; Barreto, 2012, p. 34).

(2) *Notação de Stokoe* – publicada em 1965, por Stokoe, linguista e pesquisador norte-americano e o primeiro a reconhecer as línguas de sinais como naturais. A Fig. 1 apresenta as configurações de mão propostas por Stokoe, em seu sistema de notação.

[3] Apesar de, neste artigo, o foco ser o *SignWriting*, considera-se importante mencionar a existência de outros sistemas de escrita e notação das línguas de sinais, uma vez que o *SignWriting*, embora seja um dos mais conhecidos e utilizados pela comunidade surda brasileira, não é o único. Destaca-se, por exemplo, o Sistema de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), desenvolvido por Mariângela Estelita Barros, que constitui um sistema de escrita concebido no Brasil para representar as línguas de sinais.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Figura 1: Configurações de Mão do Sistema de Notação de Stokoe



Fonte: Stumpf, 2015, p. 48.

3) *Hamburg Notation System* – publicado por Prillwitz e coloboradores em 1987, na Universidade de Hamburgo (Alemanha), baseado no sistema de Stokoe.

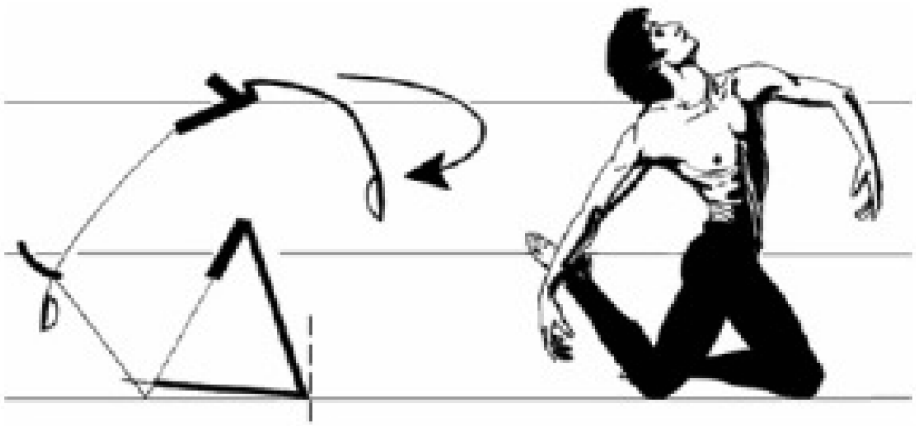
(4) *Sistema D'Sign* – criado por Paul Jouison em 1990, também baseado na ideia de Stokoe. Por meio dele, é possível transcrever frases inteiras da Língua de Sinais Francesa.

(5) *Notação de François Neve* – criada pelo pesquisador da Universidade de Liége (Bélgica), em 1996, também a partir do sistema de Stokoe.

(6) *Sistema de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS)* – criado em 1997, pela Drª Mariângela Estelita Barros, uma pesquisadora brasileira.

(7) *Sistema de escrita SignWriting* – criado pela norte-americana Valerie Sutton, na Dinamarca, em 1974, com o intuito de escrever passos de dança (*DanceWriting*), conforme apresentado na Fig. 2.

Figura 2: Exemplo do DanceWriting



Fonte: Sutton Movement Writing apud Bózoli; Silva, 2013, p. 6.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Em relação ao *SignWriting*, de acordo com Barreto e Barreto (2012), um jornal local publicou um artigo sobre a escrita desenvolvida por Sutton, que chegou ao conhecimento de alguns pesquisadores da Língua de Sinais Dinamarquesa, na Universidade de Copenhagen. Os pesquisadores solicitaram a Sutton que ela realizasse o registro escrito das sinalizações apresentadas em vídeos por pessoas surdas. Após retornar aos Estados Unidos, Sutton desenvolveu o sistema *SignWriting*, adequando-o à língua de sinais, com a ajuda de professores e pesquisadores da Língua de Sinais Americana.

Dentre as notações e os sistemas de escrita citados anteriormente, o *SignWriting* é o mais adotado no Brasil e no mundo, contando com um sistema computacional virtual de escrita, *SignPuddle*[4], capaz de "construir dicionários bilíngues, realizar buscas de sinais, escrever sinais, textos e ainda enviar *e-mails* em *SignWriting* em diversas línguas de sinais", além de uma lista de discussão *online*, por meio da qual "usuários e pesquisadores de todo o mundo podem expor suas dúvidas ou contribuições para o aprimoramento do sistema" (Barreto; Barreto, 2012, p. 39).

Segundo Barreto e Barreto (2012), o *SignWriting* é uma escrita visual direta, a partir da qual é possível ler e escrever qualquer língua de sinais do mundo, uma vez que se trata de um conjunto de símbolos internacional, sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Algumas características desse sistema de escrita são apresentadas a seguir, com base em Barreto e Barreto (2012).

- Preservação das características tridimensionais das línguas de sinais, por meio de um registro preciso dos parâmetros fonológicos dessas línguas;
- Alguns dos símbolos utilizados são bem icônicos, o que favorece uma associação rápida entre a escrita e o sinal que representam;
- Apresentação dos grafemas de forma simultânea e sequencial, isto é, todos os parâmetros fonológicos das línguas de sinais são lidos ao mesmo tempo;
- A escrita é realizada em colunas, de cima para baixo, em blocos divididos por barras, fazendo com que os símbolos sejam organizados conforme a estrutura anatômica do corpo humano, permitindo que as informações sejam lidas de maneira mais rápida.

O *SignWriting* no ensino de surdos

No Brasil, um dos estudos pioneiros relacionados ao uso do *SignWriting* na Educação de Surdos foi realizado pela professora e pesquisadora surda da Universidade Federal de Santa Catarina, Marianne Stumpf. Segundo Stumpf (2005), a escrita, o poder e a tecnologia possuem, em conjunto, um papel importante, no que diz respeito ao registro de experiências vividas pela sociedade usuária das línguas orais. Por outro lado, a cultura surda se encontra "minimamente registrada, porque as situações que os surdos vivem, não conseguem escrever em sua própria língua" (Stumpf, 2005, p. 37). A autora relata inclusive que, ao dar aulas para crianças surdas, pôde perceber que "muitos alunos pensavam que o português escrito era a escrita da língua de sinais usada por eles" (Stumpf, 2005, p. 43). Desse modo, Stumpf enfatiza a importância do trabalho com a escrita das línguas de sinais no contexto de ensino dos alunos surdos, a partir do relato abaixo:

> Em minhas aulas experimentais observei que depois que as crianças aprendem os símbolos da escrita da língua de sinais, aparecem muitas ideias e variações na sua escrita, pois cada um está à vontade para expressar seu pensamento, sem a insegurança de tentar encontrar a palavra da língua oral, que procura, e não encontra,

[4] Esse sistema pode ser acessado em: https://www.signbank.org/signpuddle/. Acesso em: 06 fev. 2026.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

> quando encontra não sabe bem se era aquela a palavra certa. Com a imensa maioria dos surdos, quando escrevem em uma língua oral, acontece o mesmo que acontece com um ouvinte que não sabe o suficiente de uma língua estrangeira na qual precisa se expressar, ele vai simplificando o máximo possível para conseguir passar a mensagem e muitas vezes usa palavras que não significam aquilo que pensa (Stumpf, 2005, p. 44).

Outro autor que também trata a respeito do uso do *SignWriting* no ensino de surdos é Nobre (2011 *apud* Barreto; Barreto, 2012), o qual enfatiza que esse sistema de escrita, quando usado em sala de aula, configura-se como uma característica da cultura surda e da formação identitária dos indivíduos nela incluídos. Outros benefícios do uso dessa escrita pelos surdos, apontados por Barreto e Barreto (2012), baseados em Capovilla (2001; 2006), Kasterlinden (s.d.), Nobre (2011), Silva (2009), Stumpf (2005), Sutton (1999; 2003), são:

> - permite ao surdo expressar-se livremente, mostrando a fluência da língua de sinais, ao contrário da escrita da língua oral;
>
> - aumenta o *status* social da língua de sinais quando mostra que o surdo tem uma escrita própria;
>
> [...]
>
> - contribui com o desenvolvimento cognitivo dos surdos, estimulando sua criatividade, organizando seu pensamento e facilitando sua aprendizagem;
>
> [...]
>
> - preserva a língua de sinais, registrando a história, cultura e literatura surda, através de roteiros de teatros, poesias, histórias, contos, humor etc.;
>
> - pode ser usada por professores para ensinar a língua de sinais e sua gramática para iniciantes e também pelos próprios aprendizes de língua de sinais para relembrar o que foi estudado em sala de aula com muito mais eficácia e praticidade do que desenhos ou anotações em português;
>
> [...]
>
> - permite também que o aluno surdo faça anotações enquanto assiste a uma aula, palestra etc. e não fique apenas como expectador (Barreto; Barreto, 2012, p. 49-50).

Períodos de desenvolvimento do *SignWriting* em crianças surdas

Os exemplos citados nesta seção foram retirados da pesquisa de doutorado realizada por Stumpf (2005, p. 213), a qual tinha como objetivo

> compreender como as crianças e jovens surdos se apropriam da escrita da língua de sinais e de que forma o acesso ao computador por meio de *softwares* com ELS [Escrita da Língua de Sinais], pelo sistema *SignWriting*, pode dar suporte a essa aquisição.

Nesse sentido, a pesquisadora realizou dois estudos. O primeiro deles apresenta "um levantamento do processo de aquisição da escrita de sinais, em sua forma manuscrita, pela criança e jovem surdo no Brasil e na França" e, o segundo estudo, trata "da ajuda que a informática pode dar a essa aquisição" (Stumpf, 2005, p. 14). Nesta seção, foca-se no primeiro estudo realizado pela autora em relação à experiência brasileira.

Os dados analisados por Stumpf (2005), em sua pesquisa, são fruto de um trabalho realizado com o *SignWriting* em uma escola de surdos brasileira (alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, entre 8, 9 e 10 anos), e algumas escolas de surdos francesas, no qual a autora realizou uma tarefa de sensibilização da importância do *SignWriting* para o desenvolvimento cognitivo dos surdos, atividades de escrita, jogos, entre outros. Dessa forma, de acordo com a autora, o processo de alfabetização em *SignWriting* utilizado em sua pesquisa, "teve a preocupação de estimular as competências linguísticas inatas no indivíduo e levá-lo a adquirir a

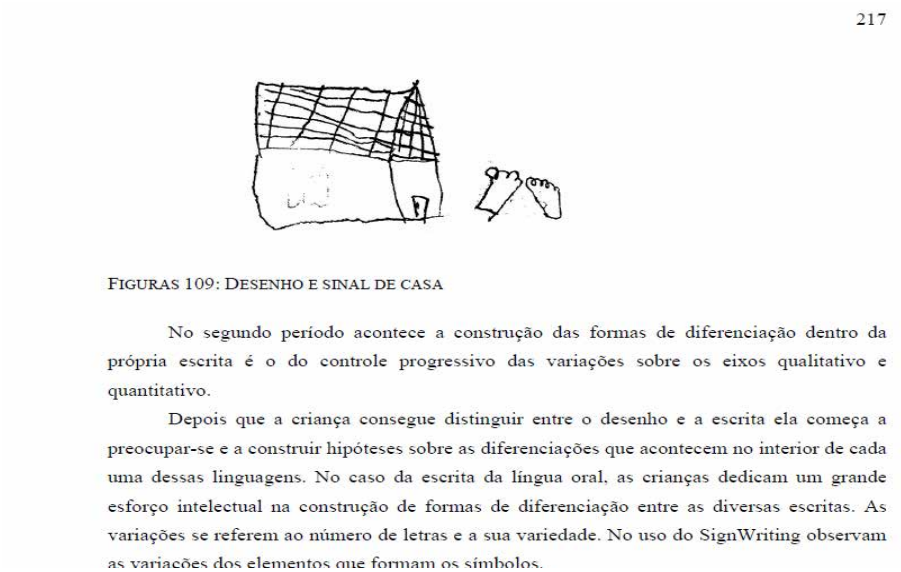
https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, de seu potencial e de motivações naturais" (Stumpf, 2005, p. 104).

Em suas análises, Stumpf (2005) verificou três diferentes períodos de aquisição do *SignWriting*, baseada em Ferreiro (1982; 1985; 1999). Nessa perspectiva, a autora relata que "a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, dentro da qual podemos distinguir três grandes períodos" e que, graças à teoria de Piaget, é possível descobrir "um sujeito que reinventa a escrita, para fazê-la sua" (Stumpf, 2005, p. 215). Os períodos verificados pela autora em suas análises são apresentados a seguir.

(1) *Distinção entre os modos de representação desenho e escrita*: Em um primeiro momento de seu trabalho, a autora explorou a leitura[5] de livros de histórias infantis, os quais eram compostos pela escrita do português, acompanhadas de ilustrações, e sem a menção do *SignWriting*. Entretanto, Stumpf sinalizou em Libras para os alunos que era professora de língua de sinais e que, em suas aulas, os alunos não iriam escrever utilizando as palavras da língua oral. Após a leitura, a pesquisadora solicitou que os alunos desenhassem o que entenderam das histórias lidas. Um exemplo desse período é apresentado na Fig. 3.

Figura 3: Desenho do sinal de CASA em Libras



217

FIGURAS 109: DESENHO E SINAL DE CASA

No segundo período acontece a construção das formas de diferenciação dentro da própria escrita é o do controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo.

Depois que a criança consegue distinguir entre o desenho e a escrita ela começa a preocupar-se e a construir hipóteses sobre as diferenciações que acontecem no interior de cada uma dessas linguagens. No caso da escrita da língua oral, as crianças dedicam um grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as diversas escritas. As variações se referem ao número de letras e a sua variedade. No uso do SignWriting observam as variações dos elementos que formam os símbolos.

Fonte: Stumpf, 2005, p. 217.

Segundo a autora, nessas produções, tal como a que é apresentada na Fig.a 3, é possível perceber "que a diferença entre desenho e escrita está bem estabelecida, uma vez que [os alunos surdos] desenham os personagens e, ao lado, procuram representar os sinais desenhando as mãos, não aparecem letras ou palavras escritas em português" (Stumpf, 2005, p. 216).

(2) *Construção das formas de diferenciação dentro da própria escrita*: Após a diferenciação entre o desenho e a escrita, a criança surda começa a construir hipóteses sobre as diferenças que ocorrem no interior da escrita. No caso da escrita da língua oral, seria a diferenciação entre as diversas escritas (número, letras e suas variedade), já no uso do *SignWriting*, as variações se referem aos elementos que formam os símbolos. Um exemplo desse segundo período é apresentado na Fig. 4.

[5] A leitura das histórias foi realizada em Libras.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Figura 4: Escrita do sinal de SURDO em Libras

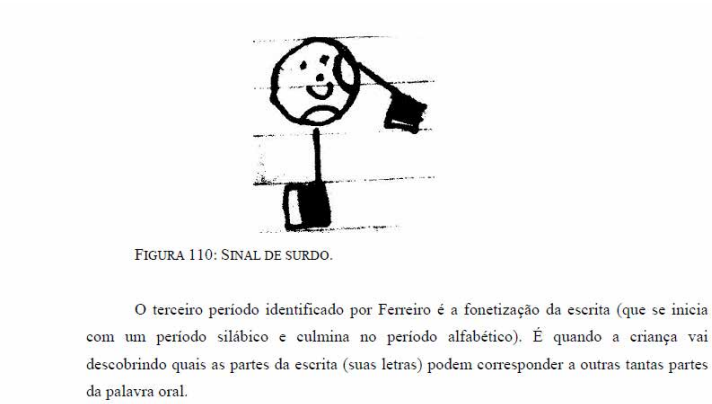


FIGURA 110: SINAL DE SURDO.

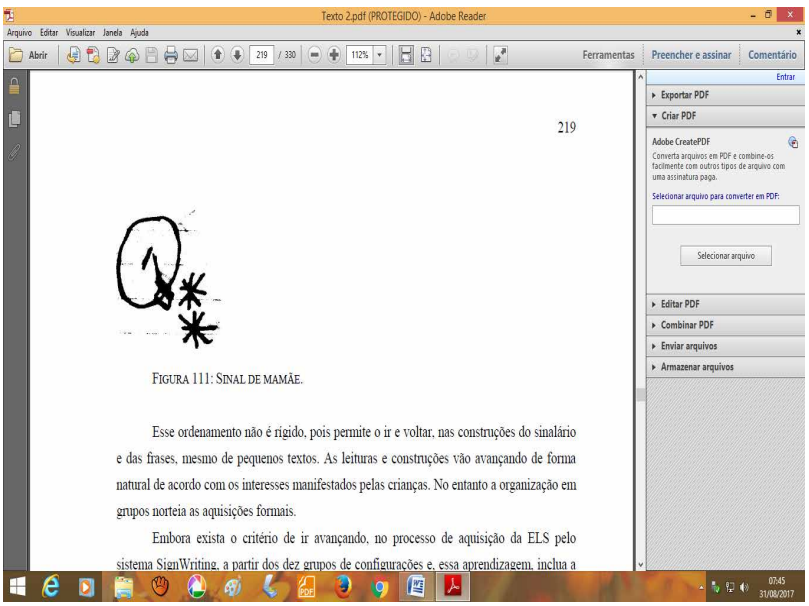
O terceiro período identificado por Ferreiro é a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). É quando a criança vai descobrindo quais as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra oral.

Fonte: Stumpf, 2005, p. 218.

A respeito do exemplo apresentado na Fig. 4, é possível identificar “as primeiras tentativas de associar o desenho das mãos sinalizando a uma representação correspondente do sistema *SignWriting*” (Stumpf, 2005, p. 217).

(3) *Fonetização da escrita*: No caso da escrita da língua oral, trata-se do momento no qual “a criança vai descobrindo quais as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra oral” (Stumpf, 2005, p. 218). Em relação ao *SignWriting*, esse período está relacionado “ao reconhecimento da correspondência entre os elementos do símbolo em *SignWriting* com o correspondente sinal manual” (Stumpf, 2005, p. 218). Um exemplo desse período é apresentado na Fig. 5.

Figura 5: Escrita do sinal de MAMÃE em Libras



Fonte: Stumpf, 2005, p. 219.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Segundo (Stumpg, 2005, p. 218), nesse período, os "primeiros elementos a serem reconhecidos são os três símbolos básicos de configuração de mão: punho fechado, punho aberto e mão plana". Depois, as crianças começam a identificar outras configurações de mão, os símbolos de contato e de movimento, e assim por diante. Na Fig. 5, a criança já consegue escrever o sinal de MAMÃE, que utiliza uma configuração de mão mais complexa (com o dedo indicador estendido) e o símbolo de toque (*), representado duas vezes, indicando dois toques.

Ao final de suas análises, Stumpf (2005) verificou, portanto, que a aquisição do *SignWriting* pelas crianças surdas possui uma relação com a alfabetização em língua oral das crianças ouvintes, proposta por Ferreiro, que se baseia na teoria de Piaget. A autora ainda acrescentou dois aspectos, descritos por ela como fundamentais, que não são encontrados quando as crianças surdas são alfabetizadas em língua oral, sendo eles:

> 1 – O aspecto afetivo – A criança surda quando se depara com a aprendizagem do *SignWriting* sente-se gratificada, sente-se feliz. O reconhecimento de que sua língua de sinais também é importante, também pode ser escrita, a relação que se estabelece entre os colegas para cooperar e trocar conhecimentos, as produções animadas, o poder contar em casa que são possuidores de conhecimento reconhecido pela escola, são fatores entre outros, de apropriação de um sentimento de auto-estima, do qual elas muitas vezes carecem e de empenho em aprender.

> 2 – O aspecto de evolução na aprendizagem – A rapidez que elas conseguem adquirir o sistema, começam a ampliar seu sinalário e a construir mensagens faz com que se sintam estimuladas a avançar. As dificuldades que encontram são dificuldades possíveis de serem superadas, ao contrário das encontradas na escrita da língua oral, que ensinada aos surdos, com os mesmos métodos que aos ouvintes, não respeita o raciocínio nem a lógica da criança surda (Stumpf, 2005, p. 220-221).

Metodologia

Este artigo apresenta uma Revisão Bibliográfica de artigos que relatam resultados obtidos por meio do uso do *SignWriting*[6], evidenciando suas contribuições para a alfabetização bilíngue e o fortalecimento da Libras como L1. De acordo com Gil (2002, p. 44), "uma pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos", sendo que "há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas".

Para esta Revisão Bibliográfica, foram utilizadas as seguintes palavras-chave para a busca dos artigos científicos: Escrita de Sinais, *SignWriting*; Alfabetização Bilíngue; Crianças Surdas. As buscas foram realizadas no *Google* Acadêmico, sendo pré-selecionados os trabalhos publicados entre os anos de 2015 e 2025, no formato de artigo, nas 05 (cinco) primeiras páginas do resultado da pesquisa, eliminando trabalhos que não tinha o formato de artigo científico, tais como dissertações, teses, monografias, trabalhos de conclusão de curso, capítulos de livro e trabalhos publicados em anais de eventos.

Após a busca, os trabalhos encontrados foram lidos, de modo a verificar se estes apresentavam contribuições do uso do *SignWriting* para a alfabetização bilíngue e o desenvolvimento da escrita em L1 por crianças surdas. Ao todo, foram selecionados 04 (quatro) artigos que são apresentados na Tab. 1.

[6] A opção por não incluir no *corpus* desta revisão outros sistemas de escrita e notação das línguas de sinais decorre do recorte metodológico adotado, uma vez que os estudos selecionados se concentram em pesquisas que utilizaram o *SignWriting* como objeto ou instrumento de investigação. Assim, a ausência de trabalhos sobre outros sistemas de escrita neste artigo não representa um juízo de valor acerca de sua relevância ou potencial de contribuição para a escrita das línguas de sinais, mas resulta exclusivamente dos critérios de delimitação da presente revisão bibliográfica.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Tabela 1: Artigos selecionados na busca

Autor(es)	Títulos	Ano de publicação	Periódico
Daniele Santana Moreira e Luiz Alexandre da Silva Rosado	A importância da escrita das línguas de sinais: mapeando propostas e resultados de aplicação na literatura acadêmica nacional	2020	Revista Espaço
Isaac Figueredo de Freitas	Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta	2020	Revista Brasileira de Educação
Francyllayans Karla da Silva Fernandes; Edneia de Oliveira Alves e Marianne Rossi Stumpf	A escrita de sinais como instrumento de desenvolvimento linguístico e identitátio para o surdo	2020	Revista Ponto de Interrogação
Carla Damasceno de Morais et al.	A escrita de sinais no Brasil: história, estrutura, compreensão leitora e impacto na identidade linguística e cultural dos surdos	2025	Revista Caderno Pedagógico

Fonte: Dados da pesquisa.

Na próxima seção, os artigos são apresentados e discutidos, sob uma perspectiva qualitativa, ou seja, não com o intuito de quantificar pesquisas, mas analisar resultados e contribuições, buscando compreender de que maneira o uso do *SignWritin*g tem favorecido o processo de alfabetização bilíngue e o desenvolvimento da escrita em L1 de crianças surdas.

Apresentação e discussão dos dados

O artigo *A importância da escrita das línguas de sinais: mapeando propostas e resultados de aplicação na literatura acadêmica nacional* foi escrito por Moreira e Rosado (2020) e publicado na Revista Espaço. O principal objetivo do trabalho foi mapear propostas de escrita das línguas de sinais no Brasil e analisar resultados de suas aplicações no contexto educacional, com o intuito de compreender as contribuições desses sistemas de escrita para a aprendizagem de crianças surdas. A pesquisa caracteriza-se como estudo qualitativo de natureza bibliográfica e documental, fundamentado na revisão da literatura acadêmica nacional e na sistematização de experiências de pesquisadores e professores que utilizaram diferentes sistemas de escrita, dentre eles, o *SignWriting*, foco desta pesquisa.

Os resultados indicam que a escrita das línguas de sinais permite “que o surdo escreva o seu sinal de identificação [...], decomponha os sinais em elementos gráficos mínimos, elementos fonológicos, morfológicos, sintáticos, entre outros”, levando-o “ao processo de construção de sua própria escrita” (Moreira; Rosado, 2020, p. 201). Ademais, em seus achados, os autores constataram que a escrita visual das línguas de sinais “respeita a estrutura de raciocínio da criança, posto que ela escreve conforme sua forma de comunicação gestual em língua de sinais”, evitando “saltos entre o pensar e o escrever, visto que não precisa traduzir seu pensamento para uma segunda língua” (Moreira; Rosado, 2020, p. 201).

O segundo artigo, intitulado *Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta*, foi escrito por Freitas (2020) e publicado na Revista Brasileira de Educação. O principal objetivo do trabalho foi discutir teoricamente a alfabetização de surdos em duas perspectivas: “a alfabetização em Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio do sistema de escrita *SignWriting*, e em língua portuguesa, pelo sistema alfabético-ortográfico latino” (Freitas, 2020, p. 1), problematizando as especificidades de cada sistema e defendendo a necessidade de políticas linguísticas que legitimem a escrita da Libras.

A metodologia adotada foi de natureza teórica e reflexiva, com base na revisão e articulação de estudos já publicados sobre a Educação Bilíngue de Surdos, a Escrita de Sinais e ensino de português como segunda língua para surdos. Em relação à primeira perspectiva apresentada, a partir dos resultados obtidos, Freitas (2020) argumenta que o *SignWritin*g possibilita uma alfabetização significativa em Libras, favorecendo a consciência metalinguís-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

tica e a autonomia da criança surda, concluindo que a alfabetização bilíngue só é possível quando considera a Libras como L1.

O artigo *A escrita de sinais como instrumento de desenvolvimento linguístico e identitátio para o surdo* foi escrito por Fernandes; Alves e Stumpf (2020) e publicado na Revista Pontos de Interrogação. As autoras tiveram como principal objetivo

> verificar a aprendizagem da escrita de sinais no sistema SignWriting pelo surdo, analisando o interesse dos mesmos pela escrita de sinais, bem como identificando as facilidades e as dificuldades presentes nesse processo de ensino e aprendizagem da escrita de sinais e, assim, observar a identificação do sujeito surdo com a escrita de sua língua (Fernandes; Alves; Stumpf, 2020, p. 176).

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e delineamento de estudo de caso, realizada em uma escola pública estadual com seis participantes surdos, por meio de quatro aulas de *SignWriting*, envolvendo aplicação de atividades pedagógicas e teste de verificação de rendimento. Os resultados evidenciaram que os participantes aprenderam facilmente o *SignWriting*, apresentando alto índice de acertos no teste final. Além disso, demonstraram identificação com o sistema de escrita, pelo fato de sua natureza ser visuoespacial, indicando que o *SignWritin*g favorece o desenvolvimento linguístico, o letramento em Libras e o fortalecimento da identidade surda.

Por fim, o artigo *A escrita de sinais no Brasil: história, estrutura, compreensão leitora e impacto na identidade linguística e cultural de surdos* foi escrito por Morais e colaboradores (2025) e publicado na Revista Caderno Pedagógico. O trabalho teve como principal objetivo "compreender de que modo esse sistema de registro gráfico [*SignWriting*] favorece práticas de letramento e reafirma a diferença linguística própria da Libras" (Morais *et al*., 2025, p. 2). A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza interventiva, realizada com crianças surdas em contexto educacional bilíngue, por meio de atividades mediadas pelo *SignWriting* e registros das produções dos participantes surdos. Os resultados evidenciam que o *SignWriting* favoreceu a compreensão do funcionamento de um sistema de escrita em Libras, promoveu maior autonomia nas produções textuais e contribuiu para o fortalecimento da identidade linguística dos estudantes surdos.

De modo geral, as pesquisas aqui apresentadas convergem ao evidenciar o potencial do *SignWriting* como ferramenta fundamental para o desenvolvimento linguístico, o letramento em Libras e o fortalecimento da identidade do sujeito surdo. Apesar das diferentes abordagens metodológicas, todos os estudos destacam que o *SignWritin*g respeita a modalidade visuoespacial das línguas de sinais, possibilitando que a criança surda escreva a partir de sua própria língua, sem a necessidade de tradução para o português, o que favorece a autonomia, a consciência metalinguística e a apropriação de um sistema de escrita em L1. Ademais, os trabalhos apontam que o *SignWriting* contribui significativamente para a alfabetização bilíngue, ao promover práticas pedagógicas mais alinhadas às especificidades linguístico-culturais dos estudantes surdos, reafirmando a centralidade da Libras em todo processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como principal objetivo discutir a importância do *SignWriting* para o desenvolvimento da escrita da criança surda em sua L1, a partir de uma Revisão Bibliográfica de pesquisas que abordam sua utilização no contexto educacional. Os resultados da análise evidenciam que o *SignWriting* se configura como uma ferramenta importante para a alfabetização bilíngue, ao possibilitar que a criança surda se aproprie de um sistema de escrita diretamente relacionado à sua língua natural, respeitando sua modalidade visuoespacial e seus

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

modos próprios de significação.

Os trabalhos analisados convergem ao apontar que o uso do *SignWriting* favorece o letramento em Libras, promove maior autonomia nas produções escritas, fortalece a consciência metalinguística e contribui significativamente para a consolidação da identidade linguístico-cultural do sujeito surdo. Além disso, como brevemente citado neste trabalho, ao permitir o acesso inicial à escrita por meio da L1, o *SignWriting* pode atuar como base para o desenvolvimento da escrita em português como segunda língua, reduzindo barreiras cognitivas e linguísticas frequentemente enfrentadas pelas crianças surdas quando alfabetizadas exclusivamente pelo sistema alfabético-ortográfico.

Dessa forma, os achados reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a Libras como língua de instrução e valorizem o *SignWriting* como recurso didático e linguístico. Por fim, embora esta revisão não esgote as discussões sobre o tema, espera-se que contribua para o fortalecimento do debate acerca da escrita da Libras no Brasil e incentive novas pesquisas empíricas e intervenções pedagógicas que aprofundem a compreensão do papel do *SignWriting* ou de outros sistemas de escrita no processo de alfabetização bilíngue de crianças surdas, reafirmando o direito desses sujeitos ao acesso pleno à linguagem, à escrita e à educação em sua própria língua.

REFERÊNCIAS

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2012.

BÓZOLI, D. M. F.; SILVA, T. S. A. Reflexões sobre a Escrita de Sinais de Libras desde tenra idade. In: I SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2013, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2013.

FERNANDES, F. K. S.; ALVES, E. O.; STUMPF, M. R. A escrita de sinais como instrumento de desenvolvimento linguístico e identitário para o surdo. **Pontos de Interrogação**, v. 10, n. 1, jan.-jun., p. 175-192, 2020. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/9333/6165. Acesso em: 06 fev. 2026.

FREITAS, I. F. Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta**. Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. 1-16, 2020 Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/6WQDTppcbZMKyHbTyfCbnVC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 06 fev. 2026.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MORAIS, C. D. *et al.* A escrita de sinais no Brasil: história, estrutura, compreensão leitora e impacto na identidade linguística e cultural de surdos**. Revista Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 14, p. 1–20, 2025. Disponível em: https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/22357/12322. Acesso em: 06 fev. 2026.

MOREIRA, D. S.; ROSADO, L. A. S. A importância da escrita das línguas de sinais: mapeando propostas e resultados de aplicação na literatura acadêmica nacional**. Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 187–208, jul./dez. 2020. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1632/1594. Acesso em: 06 fev. 2026.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting***:* Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese [Doutorado em Informática na Educação], Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: http://www.signwriting.org/archive/docs6/sw0580_BR_Aquisicao_Escrita_Sinais_2007.pdf. Acesso em: 06 fev. 2026.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.41-52
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons